

AS SERVENTIAS DA CONTEMPLAÇÃO EM EPICTETO

THE AVAIL OF CONTEMPLATION IN EPICTETUS

Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues¹

Resumo: O entendimento de que há providência divina, e de que seu cuidado se estende a cada criatura, leva Epicteto à aceitação plena da vida, à gratidão por existir, e a render graças na hora da morte, no entanto, tudo isso seria impossível sem a contemplação.

Palavras-Chave: Inelegível (*aprohairético*), *Panegyris* (feira, festa do mundo), Providência; Epicteto; Contemplação.

Abstract: The understanding that there is a divine providence, and that its range extends to each and every creature, leads Epicteto to the full acceptance of life, to the gratitude of existence, and to give thanks at the time of death. However this wouldn't be possible without contemplation.

¹ Pseudônimo – Tarquínio. *A askesis de desapropriação epictetiana à luz da katarsis do Fedão de Platão. Tese de doutorado:* PUCSP, 2015

Τοιαῦτά ἐστι τὰ ἡμέτερα ὡς ἐν πανηγύρει.

τὰ μὲν κτήνη π[α]ραθησόμενα ἄγεται καὶ οἱ βόες, οἱ δὲ πολλοὶ τῶν ἀνθρώπων οἱ μὲν ὠνησόμενοι οἱ δὲ πωλήσοντες· ὀλίγοι δὲ τινὲς εἰσὶν οἱ κατὰ θεῶν ἐρχόμενοι τῆς πανηγύρεως, πῶς τοῦτο γίνεται καὶ διὰ τί καὶ τινὲς οἱ τιθέντες τὴν πανήγυριν καὶ ἐπὶ τίνι. οὕτως καὶ ἐνθάδ' ἐν τῇ πανηγύρει ταύτῃ·

οἱ μὲν τινες ὡς κτήνη οὐδὲν πλέον πολυπραγμονοῦσι τοῦ χόρτου· ὅσοι γὰρ περὶ κτήσιν καὶ ἀγροῦς καὶ οἰκέτας καὶ ἀρχάς τινας ἀναστρέφεσθε, ταῦτα οὐδὲν ἄλλο ἢ χόρτος ἐστίν·

ὀλίγοι δ' εἰσὶν οἱ πανηγυρίζοντες ἄνθρωποι φιλοθεάμονες. 'τί ποτ' οὖν ἐστὶν ὁ κόσμος, τίς αὐτὸν διοικεῖ. οὐδεὶς; καὶ πῶς οἷόν τε πόλιν μὲν ἢ οἶκον μὴ δύνασθαι διαμένειν μηδ' ὀλιγοστὸν χρόνον δίχα τοῦ διοικοῦντος καὶ ἐπιμελομένου, τὸ δ' οὕτως μέγα καὶ καλὸν κατασκευάσμα εἰκῆ καὶ ὡς ἔτυχεν οὕτως εὐτάκτως οἰκονομεῖσθαι; ἔστιν οὖν ὁ διοικῶν.

ποιός τις καὶ πῶς ὁ διοικῶν; ἡμεῖς δὲ τινὲς ὄντες ὑπ' αὐτοῦ γεγόναμεν καὶ πρὸς τί ἔργον; ἄρα γ' ἔχομέν τινα ἐπιπλοκὴν πρὸς αὐτὸν καὶ σχέσιν ἢ οὐδεμίαν;'

ταῦτ' ἔστιν ἃ πάσχουσιν οὗτοι οἱ ὀλίγοι·

καὶ λοιπὸν τούτῳ μόνῳ σχολάζουσι τῷ τὴν πανήγυριν ἱστορήσαντας ἀπελθεῖν

. τί οὖν; καταγελῶνται ὑπὸ τῶν πολλῶν· καὶ γὰρ ἐκεῖ οἱ θεαταὶ ὑπὸ τῶν ἐμπόρων· καὶ εἰ τὰ κτήνη συναίσθησίν τινα εἶχεν, κατεγέλα τῶν ἄλλο τι τεθουμακότων ἢ τὸν χόρτον²

² Epicteto, II, 14, 23-29.

São desses tipos nossas coisas como em uma feira.

A montaria e os bois são levados para ser negociados e (entre) muitos dos homens, uns compram, outros vendem. São poucos que chegam para contemplar a feira – como vem a ser e por que – os que a organizam e sobre o quê (propósito). Assim também aqui nessa feira:

Alguns como as bestas de carga por nada mais zelam (a não ser) pela forragem (pasto, feno). Então, quantas voltas dais em torno de posse e campo e alguns cargos (magistraturas), de nada mais (se trata) do que de pasto.

Poucos são os frequentadores da feira amigos da contemplação. Que é afinal o mundo? Quem o administra (nossa casa do mundo)?

Ninguém?

E como é possível uma cidade ou casa não poder permanecer nem por um breve tempo sem o que administra e cuida e uma construção grande e bela e em boa ordem ser administrada assim, ao acaso e fortuitamente?

Portanto, há o que administra.

E nós que viemos a ser por efeito dele – quem somos e para que tarefa (obra, trabalho)?

Isso é o que afeta esses poucos. (ταῦτ' ἔστιν ἃ πάσχουσιν οὗτοι οἱ ὀλίγοι·) reflexão pg.9 algumas observações sobre o verbo páscho)

Quanto ao resto, consagram o tempo (ocioso, de folga) somente nisso – investigando a feira antes de partir. (καὶ λοιπὸν τούτῳ μόνῳ σχολάζουσι τῷ τὴν πανήγυριν ἱστορήσαντας ἀπελθεῖν).

Então quê?

São zombados por efeito de muitos, logo, também ali os contemplativos por efeito dos comerciantes. (ou seja, os contemplativos também são motivo de zombaria)

E se bestas de carga tivessem consciência (inteligência/entendimento) de alguma coisa, zombariam dos que admiram algo outro do que pasto³

³ Epicteto, II, 14, 23-29. Nossa tradução.

Submeti meu impulso ativo (*ten hormen*) à divindade. Ela quer que eu tenha febre: eu também quero. Ela quer que meu impulso ativo vá em tal direção: eu também quero. Ela quer que eu tenha tal desejo: eu também quero. Ela quer que eu obtenha algo: eu também quero. Ela não quer: também não quero. Portanto, quero morrer. Quero ser torturado (...) Como, então, viria a ser isso? (submeter os impulsos e desejos à divindade). É querer o que a divindade quer e não querer aquilo que ela não quer. Como viria a ser isso? Como a não ser considerando os impulsos ativos (*tas hormas*) da divindade e seu governo?⁴

Nos dias atuais a crença na Providência Divina não marca grandes diferenças entre as criaturas. Em geral, os crentes não se queixam menos da vida, ou aceitam mais as provações que lhes caem na estrada, nem enfrentam com mais resiliência, longanimidade as adversidades, contrariedades e angústias que lhes amargam a existência. Aqueles que não levam em consideração a ação providencial de Deus em suas vidas, e que passam seus dias a reclamar disso e daquilo, pelo menos – e não estou afirmando que são todos assim – demonstram mais coerência em suas ações, de vez que pensam estar à mercê de forças regidas pela sorte.

Esse não é o caso de Epicteto.

O filósofo estoico uma vez sabendo, através da contemplação, da existência da ação providencial de Deus no mundo, conduz este saber até as últimas consequências: confiança absoluta no cuidado divino; aceitação incondicional do destino; *eucharistía* (gratidão) pela oportunidade de existir; *eucharistía* (gratidão) transbordante diante do cuidado bondoso e zeloso de Deus. Para Platão a contemplação apresenta um matiz prevalentemente cognoscitivo, pois surge associada ao “ato de conhecer”, ou simplesmente ao conhecimento. Se segue enovelada, por um lado à *kátharsis* (purificação) - que culmina numa espécie de fusão - de identificação da alma com a pura *idea*⁵ – por outro – é também apreensão “do que é” – do ser verdadeiro. Para Aristóteles – pode-se dizer que o tipo de vida consagrada ao pensamento possui algo de divino⁶ e muito próximo ao modelo do motor imóvel – princípio do movimento para ele. Para Epicteto a contemplação é tudo, menos algo sequer próximo à imobilidade, à ideia de vida contemplativa no sentido de inércia, de inoperância, de passividade. A

⁴ Epicteto, IV, 1, 89-90; 99-100.

⁵ Fedão, 66e -67b.

⁶ ARISTÓTELES, *Ética a Nicomaco*, livro X.

contemplação em Epicteto possui muitos usos, muitos desdobramentos importantes, a começar pela garantia da paz interior, oriunda da aceitação do destino, passando pelo fornecimento de tolerância e suporte, diante das agruras do caminho da vida – até chegar à gratidão – pelo simples fato de existir e haver participado da festa do mundo. Utilizemos, então, o conto recontado por Epicteto, atribuído a Pitágoras por Diógenes Laércio para nos aproximarmos de um dos temas centrais da filosofia de Epicteto: a contemplação. Iniciemos nosso caminho pelo conto de Pitágoras.

E se assemelha a vida a uma feira.

Alguns comparecem para lutar, outros para fazer negócios, e outros ainda – os melhores – como espectadores; com efeito, alguns crescem escravos da fama, outros, ambiciosos de ganhos, e os filósofos ávidos de verdade. Essa parte do assunto é assim.⁷

“E se assemelha a vida a uma feira” – assim inicia o conto anafórico que Diógenes Laércio guardou para nós no “Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres”. O filósofo ilustre neste caso – Diógenes aponta – é Pitágoras. As pessoas que comparecem à feira para lutar ou fazer negócios, portanto, os que se ocupam com os afazeres imediatos, mergulhados na mundanidade, para Pitágoras, não são os melhores, talvez por alguns se tornarem “ambiciosos de ganhos” ou “escravos da fama”. Já para o filósofo os contemplantes (*theatai*) apresentam condição superior à dos que seduzidos pelo fascínio do mundo não têm olhos para a realidade. Pitágoras parece sugerir em seu conto metafórico três valores interrelacionados: o desprendimento do mundo, a verdade e a contemplação. Por que são poucos os contemplantes? Porque para ser um expectador é necessário desprendimento que garanta liberdade a fim de que se possa contemplar a verdade - para Pitágoras – somente os filósofos apresentam essa condição. O ato de contemplar exige rompimento com a vida cotidiana que funciona como uma espécie de abertura para a verdade. Enquanto permanecermos presos a cotidianidade seremos escravos – prisioneiros de nossas ocupações - de olhos toldados em relação ao real sentido da vida, longe da contemplação da verdade. O desprendimento do mundo é, pois, *conditio sine qua non* para que haja contemplação.

A apropriação estoica da parábola, recontada por Epicteto muito tempo depois, à época do Império Romano, conservou o traço fundamental do ensino semeado por Pitágoras – o da renúncia ao mundo como condição ideal para a contemplação. Provamos em outro lugar⁸ que

⁷ Diógenes Laércio, VIII, 8.

⁸ Antonio Carlos de O. Rodrigues. *A askesis de desapropriação epictetiana à luz da katarsis do Fedão de Platão. Tese de doutorado: PUCSP, 2015.*

o viés através do qual Epicteto propõe semelhante rompimento com a cotidianidade é o desapego radical de tudo que prendendo-se ao corpo, aprisiona o ser humano a todas as coisas que sendo inelegíveis (*aprohairéticas*) não deveriam possuir significado algum para ele. Epicteto herdou do platonismo⁹ a ideia da separação da alma do corpo (*kátharsis*) constituindo o caminho ascético de se viver para a *philosophía* tal qual Sócrates viveu e morreu.

Para Epicteto o caminho ascético implica no abandono de todos os apegos, no desenlaçamento dos ligames que prendem nosso ser às realidades em torno de nossos passos que definitivamente não dependem de nós, tais como: posses, cargos, filhos, irmão, pátria, marido, riquezas, mulher, incluindo nosso corpo. É preciso ter primeiramente tudo isso em vista se quisermos compreender os papéis da contemplação na *philosophía* de Epicteto. Epicteto retoma o conto pitagórico nesses termos:

São desses tipos nossas coisas como em uma feira.
As montarias e os bois são levados para ser negociados e (entre) muitos dos homens, uns compram, outros vendem. São poucos que chegam para contemplar a feira – como vem a ser e por que – os que a organizam e sobre o quê (propósito). Assim também aqui nessa feira: Alguns como as bestas de carga por nada mais zelam (a não ser) pela forragem (pasto, feno). Então, quantas voltas dais em torno de posse e campo e alguns cargos (magistraturas), de nada mais (se trata) do que de pasto.

A vida do homem é mais do que comida, e contemplar (*thean*) é exercer a razão humana na busca do sentido de ser e viver que a própria Razão Universal organizou – dispôs –. Somente o ser humano pode “seguir de perto” a lei divina inscrita na Natureza. O verbo *parakoloutho* traduzido geralmente por “compreensão” possui, segundo pensamos, um sentido técnico: o universo manifestando-se, revela a divindade, e podemos seguir as razões que se descortinam nesse mostrar-se do *kósmos* – nessa “apresentação” – pela mediação do próprio *lógos* em nós, como fica claro na passagem acima: ver, contemplar é também indagar sobre o sentido, e isso somente é possível porque o *lógos* que habita a *physis* (natureza) é o mesmo que mora no ser humano.

O princípio zenoniano de viver em *sinfonia* com a natureza (*katá physin*) possui seu fundamento nisso: o homem pode, se quiser, “seguir de perto” o que a *physis* pede que ele faça. A *physis* (natureza) fala conosco e nós somos capazes de entender, porquanto o princípio ativo anima a matéria inerte do mundo. Esta a razão “corpórea” da condição de possibilidade dialógica entre as duas razões: a humana e a divina. Ora, o que garante aos contemplantes - aos

⁹ AMAND, JAGU. *Épictète et Platon*, pág. 107, 108.

poucos que chegam com o objetivo de contemplar a feira -, acesso as respostas pelas perguntas que eles mesmos se fazem diante do mundo? Epicteto aduzirá outro argumento ainda mais eloquente:

Deus introduziu o homem como seu expectador e de suas obras. E não só como expectador, mas também como exegeta delas. É, em razão disso, vergonhoso para o homem começar e terminar como os irracionais, <é preciso> antes aí começar e terminar lá onde a natureza determinou. E ela o determinou para a **contemplação** para a compreensão (*parakolouthesin*) e para um modo de vida em *sinfonia* com a natureza¹⁰.

“Então, quantas voltas dais em torno de posse e campo e alguns cargos (magistraturas), de nada mais (se trata) do que de pasto”: a vida do ser humano não está restrita às suas posses. Há que se buscar um sentido para ser e viver. E a resposta a essa busca encontrar-se-á na contemplação investigativa. Admiração que se pergunta sobre o sentido das coisas que nos rodeiam serem como são. A nosso ver o simbolismo da história alegórica de Pitágoras foi preservado pelo filósofo estoico - ao menos no que se refere à noção de desprendimento, de quebra do poder hegemônico-hipnótico das realidades que cercam a alma, logo de liberdade, liberdade diante do mundo. Não obstante, no lugar da contemplação da verdade – característica somente reservada ao filósofo na alegoria de Pitágoras – Epicteto apresenta o sistema de desapego como condição para se ascender à contemplação do Querer Universal – cuja compreensão efetiva dependerá sempre desse deslocamento do imediato para encontrar nesse caminho mediato a divindade imanente no mundo.

Se a contemplação platônica visa antes de tudo a captação “do que é”, que sinaliza um sentido preponderantemente cognoscitivo, no Estoicismo de Epicteto o que há é um despertar no homem de uma correspondência, há um apelo do *kósmos* para que seja interpretado e seguido. A correspondência a esse apelo é um despertamento para o divino nele mesmo, porque depois de despertar, ainda será preciso purificar-se das opiniões inadequadas a fim de que possam se encontrar duas purezas: a divindade do homem com a divindade do mundo.

Na trajetória de purificação há serenidade, há liberdade para quem aprender a que se ater e do que se desapegar. É preciso abandonar de vez o desejo por todas aquelas coisas que são inelegíveis (*aprouhairéticas*). “De vez” é na verdade força de expressão, haja vista que para

¹⁰ Epicteto, I, 6, 19-21. Traduzi o termo grego *symphonon* por “sinfonia”. Na tradução original feita pelo Dr. Aldo Dinucci consta “harmonia”.

Epicteto o itinerário de progresso espiritual, entenda-se desprendimento da alma do corpo é sempre gradual e contínuo, ou seja, “das pequenas às grandes coisas”, eis a lei divina para ele.¹¹

Poucos são os frequentadores da feira amigos da contemplação. Que é afinal o mundo? Quem o administra (nossa casa do mundo)? Ninguém? E como é possível uma cidade ou casa não poder permanecer nem por um breve tempo sem o que administra e cuida e uma construção grande e bela e em boa ordem ser administrada assim, ao acaso e fortuitamente? Portanto, há o que administra. E nós que viemos a ser por efeito dele – quem somos e para que tarefa (obra, trabalho)? Isso é o que afeta esses poucos. (ταῦτ' ἔστιν ἃ πάσχουσιν οὗτοι οἱ ὀλίγοι)

Os amigos da contemplação no mesmo passo em que descobrem o cuidador da nossa casa, o mundo, apreendem e compreendem o sentido de ser – *o seu para quê*. Desvelando a atuação cuidosa do administrador, decifra ao mesmo tempo o próprio papel no mundo. “isso é o que afeta esses poucos”: refletindo sobre o sentido do verbo *pascho*, que significa “eu sofro, “sou afetado”, nos perguntamos se o questionamento acima já não haveria começado pelo caminho da “afetividade” através do fenômeno do mundo, com sua apresentação, com sua aparição. Penso que em primeiro lugar vem o “sofrimento” e somente então, nos perguntamos. Isso é o que esses poucos sentem. Duvido que esses poucos que se revelam amigos da contemplação questionem o Universo a partir do nada, porquanto, parecem pertencer ao grupo daqueles que como bons músicos se emocionam até as lágrimas quando ouvem alguns acordes, enquanto a maioria não tem ouvidos para perceber as sinfonias do Universo.

A madureza espiritual alcançada por meio de muita ginástica da alma é que permite semelhante disposição para a contemplação. Ainda aqui, e mais uma vez, é preciso concordar com Platão. A vida ascética abre as portas do entendimento para o real sentido da vida - captação do ente – diria Platão. Como para o estoico a *idea* platônica é vazia de significação, no ato de contemplar, na paisagem mirada, é a própria divindade que se destaca na forma de cuidado da casa do mundo, e uma vez destoldando-se diante desses poucos como zeladora da *nossa casa* – o homem desperta para o cuidado de si. Segundo Colardeau:

É o pensamento de Deus, poderíamos dizer, que é o começo da sabedoria. O problema moral sendo posto nos termos que vimos: *quem somos nós em relação a Deus e que temos de fazer?* A definição do homem que é a base da ética, é toda religiosa, ela é feita, por assim dizer, “em função de Deus”. O

¹¹ Nada se torna grande de súbito, nem um cacho de uvas, nem um figo. Se tu me disseses agora “quero um figo”, responder-te-ia que “é preciso tempo”. Deixa primeiro <que a figueira> floresça; depois que lance fruto; depois, que o fruto amadureça. Então se o fruto da figueira não se perfaz de súbito ou em meia hora, desejas adquirir o fruto da inteligência do homem em pouco tempo e facilmente? Eu não te diria isso! Espera! Epicteto, I, 15, 7-8.

homem é composto de dois elementos que se opõem nitidamente. Enquanto o corpo nos é comum com os animais, a *prohairesis* (escolha preferencial), quer dizer, a faculdade que raciocina, que julga, que age – isso que nomeamos mais vagamente como alma nos é comum com Deus. Por ela estamos em relação com Ele, nós somos uma parte Dele¹².

Colardeau, assim como uma parte considerável de comentadores franceses da obra de Epicteto, por vê-lo tratar do assunto relativo à divindade pensam em “religião”. Contudo, o conceito não cabe, se levarmos em consideração o sentido de “re-ligião” como *religare*. Paulo, o apóstolo, sabia disso. Tanto que quando fala aos gregos – e entenda-se – aos estoicos e epicuristas – e se refere ao Deus cristão, alega que “em Deus somos, e nos movemos”¹³. Ora, no estoicismo não há nada a ser religado. Pois, somos parte da divindade. Estamos nela como ela está em nós. No estoicismo não existe esta história de queda do paraíso. Penso que esta concepção de divindade imanente seria melhor nomeada como “espiritualidade”. Quanto ao mais, se compreendermos que na filosofia de Epicteto a definição do homem é construída “em função da divindade”, buscando preservar a noção de espiritualidade qual relação aberta, contínua na imanência do Ser que nos sustenta e cuida, a afirmação de Colardeau torna-se perfeita.

Quanto ao resto, consagram o tempo (ocioso, de folga) somente nisso – investigando a feira antes de partir. (καὶ λοιπὸν τοῦτω μόνῳ σχολάζουσι τῷ τὴν πανήγυριν ἱστορήσαντας ἀπελθεῖν). Então quê? São zombados por efeito de muitos, logo, também ali os contemplativos por efeito dos comerciantes. (ou seja, os contemplativos também são motivo de zombaria) E se bestas de carga tivessem consciência (inteligência/entendimento) de alguma coisa, zombariam dos que admiram algo outro do que pasto.

A contribuição mais importante de Epicteto, nessa história sobre a feira, foi ligar o “conhece-te a ti mesmo” ao conhecimento de Deus. A heautognose só começa para o ser humano quando este identifica a existência e o cuidado divinos. O conhecer a si próprio é um processo que possui sua origem na contemplação – por isso não se trata de religião, porquanto aí não há verdade revelada, mas desvelada pela razão. Depois de chegar à conclusão de que a providência divina é uma realidade, a partir daí decifrará seu papel no palco do mundo. No final da lição sobre a feira é apontada a principal característica daqueles poucos, dos amigos da contemplação, dos convertidos à escola filosófica: a ruptura com a vida de cotia. O convertido vive sob valores diferentes frente à maioria – pois segue princípios outros, que não coincidem com o *ethos* vigente. O fenômeno nomeado *atopía* é observado desde antes da passagem de

¹² Théodore, Colardeau. *Étude sur Épictète*, pág. 54.

¹³ Atos, 17:28. “porque somos também de sua raça”.

Sócrates pelo mundo, não obstante, ele também foi visto por muitos de seus contemporâneos como inclassificável.

O fenômeno da *atopía*, observado nos convertidos, recebeu interpretações diferentes ao longo da história da filosofia, por exemplo: Para Festugière a *atopía* seria sinônimo da vida contemplativa – o gênero de vida que asseguraria a conquista da beatitude. O filósofo, pensava, se subtrairia da vida mundana para viver para si com seus pensamentos e reflexões¹⁴. Para Hadot a *atopía*¹⁵ é considerada como prova da vida prática. Se significa cisão profunda com o modo habitual de ser, denota ainda mais, um modo de viver intramundano – conversão, e, portanto, um modo de reinserção no mundo e de transformação de si e do mundo. A *diháiresis* (divisão) epictetiana que constitui o início da sabedoria para o convertido à filosofia é na verdade a separação no domínio ontológico entre o que pertence ao homem e o que pertence à divindade. Conforme Colardeau: “Por conseguinte, o mundo se divide para cada indivíduo em duas partes distintas: aquilo que depende Dele (Deus) e aquilo que depende de nós – nossa *prohairesis* (escolha preferencial) e todos os atos que se relacionam com ela¹⁶. Como afirmei no começo desse estudo, a contemplação possui muitos usos para Epicteto. Quase todos, se não todos, decorrem da constatação da existência de Deus e de sua ação providencial sobre o mundo.

Um homem de bem deve temer lhe falte o alimento? Não falta aos cegos, não falta aos coxos. E faltará ao homem de bem? Ao bom soldado não falta quem lhe pague, nem ao artesão e ao sapateiro. E faltará ao homem de bem? Assim se despreocupa a divindade de suas próprias obras, de seus servidores, de suas testemunhas, dos únicos que servem como exemplo ante os ignorantes, de que existe e governa bem tudo e não se despreocupa dos assuntos humanos e que para o homem de bem não existe mal algum, nem quando vivo, nem depois da morte?¹⁷

Quem conhece o Evangelho de Matheus, e se lembre do versículo VI, capítulo 19, terá dificuldade de não proceder uma comparação com essa passagem das diatribes de Epicteto que parece – como lá – fazer alusão à confiança que devemos depositar em Deus que é nosso provedor em tudo. Epicteto acrescenta ao excerto uma das ideias mais caras a Platão, e muito frequente em seus diálogos, que ao homem bom, nenhum mal vem a ser. A divindade aqui é lembrada como aquela que “não se despreocupa dos assuntos humanos” qual pretexto à confiança incondicional na providência. A contemplação atua diretamente numa das práticas

¹⁴ A.J. Festugière. *Contemplation et vie contemplative selon Platon*.

¹⁵ P. Hadot. *Exercices spirituels et philosophie antique*.

¹⁶ Théodore, Colardeau. *Étude sur Épictète*, pág. 57.

¹⁷ Epicteto, III, 24,28.

filosóficas mais caras a Epicteto, e ao Estoicismo em geral: a aceitação do destino. “Acontece-me alguma coisa? Acolho-a tendo em vista os deuses e a fonte de tudo, desde a qual se enovela tudo que ocorre”¹⁸.

Entre as três disciplinas propostas por Epicteto para os que buscam aproximar-se da sabedoria, através da ginástica espiritual, o primeiro – “aquele domínio que trata dos desejos e das aversões a fim de que a cobição não erre o alvo, nem a evitação caia no evitado, é o mais importante e o mais urgente, porque se relaciona à terapia das paixões”¹⁹.

Esse domínio *psicascético* é o que suporta inquietudes, turbações, infortúnios, desditas, padecimentos, lamentações, tristeza e pesar do bem alheio. O que faz invejosos e zelosos, coisas por cuja causa nem sequer somos capazes de escutar a razão²⁰.

O domínio de exercícios que regula o ato de desejar (*oreksis*) e o ato de evitar (*enklisis*) possui grande importância para Epicteto porque atua no nível da relação do homem com as inúmeras situações da vida. O escravo alforriado por Epafrodito sabia ser muito fácil a alguém que busca o próprio interesse quedar infeliz por não encontrar aquilo que queria ou idealizava. Por essa razão aconselhava ao discipulado “Abster-se completamente de desejos e nada evitar perante o uso das coisas independentes de nós²¹. O cobição (*oreksis*) e a evitação (*enklisis*) são as duas faces do desejo. Quando Epicteto afirma que o ato de evitar (*enklisis*) não deve ser usado em relação às coisas que não dependem de nós, vê-se que não se pode falar em supressão do desejo sem se falar também em evitação (*enklisis*), haja vista ser esta o desejo de que as coisas não ocorram, ou seja, a evitação é desejo, desejo de evitar que ocorram eventos os quais não temos interesse que ocorram. Ambos se relacionam àquela parte da vida voltada para as eventualidades. A aceitação do destino tem muito a ver com o entendimento de que há um cuidador do mundo, pois essa compreensão encerra a noção de que aquilo que ele entrega a cada um deve ser acolhido incondicionalmente. Epicteto afirma que: o que constitui essencialmente a paixão “é querer e não vir a ser”.

Essa a relação da contemplação com a disciplina do desejo. Por essa ascese somos levados a aceitar o destino. Haja vista que ninguém vive em acordo com o que lhe acontece sem apaziguar o desejo, o ato de desejar. A desaceitação do destino implica no desejo - pois, essa

¹⁸ M.A. meditações, VIII,23.

¹⁹ Epicteto, III, 2, 1.

²⁰ Epicteto, III, 2, 3-4.

²¹ M.A., *Pensamentos*, XI, 37.

recusa constitui a negação da vida concorde com os acontecimentos que nos rodeiam os caminhos. A disciplina do desejo possui uma interface estreita com as ocorrências da vida, uma vez que interage com a esfera de nossas afeições.

Portanto, o <homem> bom e justo, tendo considerado em sua inteligência todas essas coisas, segue aquele que administra a totalidade, do mesmo modo que os cidadãos <seguem> a lei da cidade-estado. Aquele que se instruiu deve conduzir-se a respeito da instrução com o seguinte propósito: como eu poderia seguir os Deuses em toda circunstância? E como eu poderia me comprazer com a divina administração? E como eu poderia me tornar livre? Pois é livre aquele a quem todas as coisas acontecem segundo a escolha e a quem nada faz impedimento. E então? A liberdade é insanidade? De modo algum! Loucura e liberdade não caminham na mesma direção. “Eu, porém, desejo que tudo que me pareça <bom> ocorra, e de qualquer modo que me pareça <bom>”. Estás louco, deliras. Não percebes que a liberdade é algo bom e valioso. Desejar que ocorresse não importa o que me pareça <bom>, isso é possível não só não ser bom, mas também <é possível ser> a pior de todas as coisas. Como agimos em relação às letras? Desejo escrever como quiser o nome “Bíon”? Não. Mas aprendo a querer escrever como é preciso. E sobre a música? Do mesmo modo. E, em geral, onde há alguma arte ou ciência. Caso contrário, se cada coisa se ajustasse aos desejos, nenhum valor teria saber algo. Então é só aí, sobre o que é maior e principal, a liberdade, que me é permitido desejar ao acaso? *De modo algum. Ser instruído, porém, é aprender a desejar cada coisa como acontece. E como acontece? Como ordenou aquele que ordena.* Ordenou haver verão e inverno, abundância e escassez, excelência e vício, e todas as contrariedades tais para a harmonia da totalidade. E deu a cada um de nós corpo, partes do corpo, posses e companheiros²².

À vista disso, o capítulo oitavo do *Encheirídion* de Epicteto constitui-se num hino à liberdade: “Não procures as coisas que vêm a ser, venham a ser como queres, quere as coisas que vêm a ser como vêm a ser, e terás curso sereno”.

Para se viver assim como Epicteto nos ensina é preciso avançar muito no caminho de desprendimento, evitando de todas as maneiras a impaciência e a incontinência:

Esse mesmo Epicteto [...] costumava dizer haver dois vícios entre todos de longe mais graves e perniciosos: a impaciência e a incontinência, quando ou não aguentamos os sofrimentos que devem ser suportados, ou não nos abtemos de coisas e desejos em relação aos quais devemos nos abster. “Assim,” diz Epicteto, “se alguém tomar a peito estas duas palavras e as velar através do governo e da observação de si mesmo, na maior parte do tempo não cometerá faltas e viverá uma vida tranquilíssima”. Estas duas palavras Epicteto dizia serem **anéchou** (Suporta) e **apéchou** (abstém-te)²³.

Os dois imperativos *anéchou* (Suporta) e *apéchou* (Abstém-te) resumem o primeiro tópico de exercícios espirituais de Epicteto. Lembremo-nos de que todas essas considerações

²² Epicteto, I, 12, 7-16.

²³ Epicteto, *testamentos e fragmentos.*, pág. 47.

nascem e crescem da percepção por meio da contemplação de que há um administrador do mundo que garante a entrega a cada um do seu quinhão, de sua parte que deve ser recebida com bom acolhimento: “ao bom resta a prerrogativa de amar e bem acolher os eventos urdidos na trama do destino...”²⁴

Viajais para Olímpia para verdes a obra de Fídias, e cada um de vós pensa <ser> um infortúnio morrer desconhecendo essas coisas. Mas quando não é preciso viajar e estais onde também estão as obras, não desejareis contemplá-las e conhecê-las bem? Não perceberéis, por essa razão, quem sois, nem para que viestes à existência, nem em razão do que recebestes <essa> visão? *Porém, há coisas desagradáveis e difíceis na vida.* E elas não ocorrem em Olímpia? Não sofreis com o calor? Não ficais em lugares apertados? Não vos banhais mal? Não ficais encharcados quando chove? Não suportais o tumulto e o calor, entre outras dificuldades? Penso que **suportais e tolerais** todas essas dificuldades comparando-as com o caráter memorável do espetáculo²⁵.

Para a grande maioria dos homens as ocorrências e acontecimentos que se apresentam em seus caminhos, lhes determina o grau de felicidade ou a condição de vida infeliz. As dificuldades e aborrecimentos que têm de tolerar, os obstáculos que estão sempre a exigir esforço e empenho para a devida superação, sem falar nas variadas situações que lhes cercam os passos que lhes impõem renúncia e abnegação. Tudo isso, aos seus olhos causa grande descontentamento, insatisfação, angústia e desespero.

Para Epicteto todas essas agruras, desgostos e dissabores da existência - presentes na vida dos homens destituídos de educação filosófica – podem ser curados mediante o remédio da *philosophía*. Para todos aqueles que se fazem amigos da sabedoria ou que buscam aproximar-se dela, descortinam-se outros panoramas, novos horizontes. Irrompe neles uma abertura para o deslumbramento da existência. O simples fato de existir – de ser trazido a este mundo – e poder contemplá-lo, é o bastante para uma vida livre e plena, não importando o tipo de experiências pelas quais tiver de passar. Tudo vale a pena se a alma não é pequena! Pois, qualquer sofrimento, incômodo ou contrariedade parece valer quando comparados ao caráter memorável do espetáculo.

*Tolerar as adversidades,
Abster-se desta ou daquela ação condenável,
É o preço que se paga
Para se contemplar um espetáculo memorável.*

²⁴ M.A. *Meditações*, VIII, 7. Um apostema do mundo, quem se retira e aparta da razão da natureza comum por não se conformar com os acontecimentos; porque a natureza que os traz é a mesma que te trouxe. É membro amputado da cidade quem corta sua própria alma daquela dos racionais, que é um só. M.A. *Meditações*, IV, 29.

²⁵ Epicteto, I, 6, 23-27.

Pudéssemos descrever a principal atitude de Epicteto diante da vida, utilizando de empréstimo o *cogito* cartesiano, diríamos: “*Existo, logo, sou grato*”.

Se o homem primitivo, temia os deuses por conta da insegurança causada pela forma com que atuavam em suas vidas, avançou espiritualmente quando percebeu a bondade e perfeição delas, no cuidado de cada um, e do mundo. O coroamento dessa ascensão da humanidade foi o reconhecimento desse cuidado – a gratidão por existir. Não houve filósofo na terra que manifestasse tamanha *eucharístia* (*gratitude*) qual Epicteto. Os problemas humanos de sempre são os sofrimentos, as angústias e os dissabores de toda ordem que ocorrem no caminho da vida de todos, que acabam por impedir-lhes o usufruto de uma existência feliz. Entre eles, talvez um dos maiores seja a perda dolorosa de entes queridos, ou das coisas que lutamos para adquirir, e que muita vez são levadas de nós. A fórmula de enfrentamento de semelhantes inconvenientes, conformemente ao ensinamento do filósofo estoico, é a ascese de desprendimento, a começar por nosso corpo que para ele pertence ao domínio *aprouhairético* (inelegível)²⁶.

A desvinculação progressiva de tudo que nos rodeia não deixa quase nada de fora, incluindo nossas posses, mas também lugares e pessoas, haja vista ser o único meio que nos permite eliminar de vez o desencanto com a vida oriundo de nossas perdas. A verdade é que ninguém perde o que não possui. Para aquele que só tem olhos para catalogar prejuízos sofridos, jamais existirá oportunidade para identificar a multidão de bençãos recebidas e agradecer:

E então? Já que muitos de vós sois cegos, não é preciso haver alguém que cumpra esse papel e cante por todos o hino a Deus? Pois de que é capaz um velho coxo senão cantar um hino a Deus? Se eu fosse um rouxinol, eu cantaria os cantos do rouxinol. Seu fosse um cisne, cantaria os cantos do cisne. Ora, sou um <animal> racional. É-me preciso cantar um hino a Deus. Essa é a minha obra. Eu a cumprirei. Não abandonarei este posto que me foi dado. E vos convido a essa mesma ode!²⁷

Se raros no mundo agradeceram por existir, usando a contemplação como pretexto, são ainda em menor número os que usando a mesma alegação renderam graças pela hora da partida. Se para Sócrates não foi nenhum mal morrer – tampouco para Epicteto, não obstante, este avançou um pouco mais do que aquele: acrescentou a gratidão ao momento da última jornada:

²⁶ Antonio Carlos de O. Rodrigues. *A askesis de desapropriação epictetiana à luz da katarsis do Fedão de Platão. Tese de doutorado*: PUCSP, 2015.

²⁷ Epicteto, I, 16, 20-21.

Que nunca me aconteça tombar inesperadamente cuidando de outra coisa a não ser de minha *prohairesis*, a fim de que seja sã (intacta, impassível) desimpedida (solta, desprendida de qualquer entrave) a fim de que não seja obrigada (violentada, constrangida) a fim de que seja livre. Eu quero ser encontrado cuidando dessas coisas a fim de que eu possa dizer à divindade: acaso transgredi tuas instruções? Acaso utilizei os recursos dados para outras coisas (*do que aquelas recomendadas nas instruções*)? As sensações de outra maneira? As prenoções? Acaso alguma vez te censurei? Acaso critiquei tua administração? Adoeci quando quiseste, os outros também, mas eu (*sem queixas, sem mimimi*) de bom grado (*boa vontade*). Não exerci cargos porque tu não quiseste. Nunca desejei (*intensamente*) magistratura. Acaso me viste mais sombrio por causa disso? Não me acerquei de ti com a face radiante pronto se algo ordenasses? Se algo sinalizasses? Agora queres que eu deixe a feira. *Parto tendo toda gratidão por ti porque me consideraste digno de participar da feira contigo e contemplar tuas obras – acompanhar passo a passo o teu governo.* Possa a morte me surpreender (*apanhar*) considerando, escrevendo, lendo essas coisas²⁸.

REFERÊNCIAS

- As Diatribes de Epicteto, livro I.* Tradução do grego: doutor Aldo Dinucci. São Cristóvão: Viva Vox, 2015.
- COLARDEAU, Théodore. *Étude sur Épictète*. Paris: Encre Marine, 2004.
- DINUCCI, Aldo. *O manual de Epicteto*. Tradução do grego: doutor Aldo Dinucci; Aracaju: Viva Vox, 2007.
- DINUCCI, Aldo; JULIEN, Alfredo. *EPICTETO: Testemunhos e fragmentos*. Sergipe: Viva Vox, 2008. Edição trilingue português/grego/latim.
- FESTUGIÈRE, A.J. *Contemplation et Vie Contemplative selon Platon*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1936.
- GARCÍA, Ortiz Paloma. *Epicteto: disertaciones por Arriano*. Traducción, introducción y notas de Paloma Ortiz García. Madrid: Editorial Gredos, 1993.
- HADOT, Pierre. *Exercices Spirituels et Philosophie antique*. Paris: Édition Albin Michel, 2002.
- HADOT, Pierre. *Manuel d'Épictète*. Introduction, traduction et notes par Pierre Hadot. Paris: Librairie Générale Française, 2000.
- Introduction aux "Pensées" de Marc Aurèle: la Citadelle Intérieure*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1992 et 1997.
- JAGU, Armand. *Épictète et Platon (Essai sur les relations du Stoïcisme et du Platonisme à propos de la Morale des Entretiens)*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1946.
- NUNES, A. Carlos. *Fédon*. Tradução do texto grego: Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed.ufpa, 2011. Edição bilíngue.

²⁸ Ἐμοὶ μὲν γὰρ καταληφθῆναι γένοιτο μηδενὸς ἄλλου ἐπιμελουμένῃ ἢ τῆς προαιρέσεως τῆς ἐμῆς, ἵν' ἀπαθῆς, ἵν' ἀκόλυτος, ἵν' ἀνανάγκαστος, ἵν' ἐλεύθερος. ταῦτα ἐπιτηδεύων θέλω εὐρεθῆναι, ἵν' εἰπεῖν δύνωμαι τῷ θεῷ 'μή τι παρέβην σου τὰς ἐντολάς; μή τι πρὸς ἄλλα ἐχρησάμην ταῖς ἀφορμαῖς ἃς ἔδωκας; μή τι ταῖς αἰσθήσεσιν ἄλλως, μή τι ταῖς προλήψεσιν; μή τί σοι ποτ' ἐνεκάλεσα; μή τι ἐμεμνῆσάμην σου τὴν διοίκησιν; ἐνόσησα, ὅτε ἠθέλησας; καὶ οἱ ἄλλοι, ἀλλ' ἐγὼ ἐκὼν. πένης ἐγενόμην σου θέλοντος, ἀλλὰ χαίρων. οὐκ ἦρξα, ὅτι σὺ οὐκ ἠθέλησας; οὐδέ ποτ' ἐπεθύμησα ἀρχῆς. μή τί με τούτου ἕνεκα στυγνότερον εἶδες; μή οὐ προσῆλθόν σοί ποτε φαιδρῶ τῷ προσώπῳ, ἔτοιμος εἶ τι ἐπιτάσσεις, εἶ τι σημαίνεις; νῦν με θέλεις ἀπελθεῖν ἐκ τῆς πανηγύρεως; ἄπειμι, χάριν σοι ἔχω πᾶσαν, ὅτι ἠξιώσάς με συμπανηγυρίσαι σοὶ καὶ ἰδεῖν ἔργα τὰ σὰ καὶ τῇ διοικήσει σου συμπαρακολουθῆσαι [σοί]'. ταῦτά με ἐνθυμούμενον, ταῦτα γράφοντα, ταῦτα ἀναγιγνώσκοντα καταλάβοι ὁ θάνατος. III, 5, 7-11. Nossa tradução.

O Encheirídion de Epicteto. Tradução do grego: doutor Aldo Dinucci; São Cristóvão: Viva Vox, 2012. Edição bilíngue português/grego.

OS PENSADORES, Coleção. Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio, Primeira Edição, Trad. e notas de Agostinho da Silva, São Paulo, Abril cultural, 1973.

SOUILHÉ, Joseph. *Épictète*. Paris: Les Belles Lettres, 2002. IV volumes, edição bilíngue francês/grego.

Tabla de cebes, disertaciones y fragmentos menores (Musonio rufo), Manual y Fragmentos (Epicteto). introducciones, traducción y notas de Paloma Ortiz García. Madrid: Editorial gredos, 1995.

EPICTETO – *Testemunhos e Fragmentos*. Dinucci A., Julien A. (org.). Primeira edição. São Cristóvão – SE.